

## **A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: BREVE ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS**

*Shirley Vieira (UFSC)*  
soushirley@gmail.com

### **1. Introdução**

Sabemos que a língua portuguesa não é homogênea, ela varia de acordo com fatores como sexo, faixa etária, *status* social, grau de instrução, escolaridade, contexto (formal e informal), região de origem, dentre outros. O Brasil, em sua diversidade, possui mais de 180 milhões de habitantes e cerca de 200 línguas e é, por definição, a nação da diversidade cultural, socioeconômica, dentre outros aspectos. E essa diversidade obviamente, se reflete também na língua.

Reconhecer a heterogeneidade da língua portuguesa é, com certeza, um grande passo para se desconstruir o mito do monolingüismo no Brasil. A mudança dessa ideologia inicia-se a partir da conscientização e educação da população brasileira. Nesse âmbito, a escola tem um papel fundamental de abordar a língua em toda sua diversidade, respeitando o linguajar que o aluno traz de seu âmbito de convivência para a escola.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997, p. 05), é objetivo da escola

conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

Nesse sentido, sendo a língua nosso incontestável patrimônio, são recomendados textos de diferentes gêneros textuais para desenvolvimento de atividades de leitura e escrita nas aulas de língua portuguesa, nas diversas séries do ensino fundamental, de modo que os alunos tenham contato com produções variadas e de fato contribuam para a compreensão da complexa rede de enunciados produzidos nas práticas sociais.

Assim, o presente trabalho buscou registrar, descrever e analisar características de alguns autores de livros didáticos do ensino fundamental em relação ao estudo da variação linguística nos livros didáticos do ensino fundamental.

Pretendemos com esse trabalho, refletir sobre como autores de livros didáticos do ensino fundamental abordam a variação linguística. Se contemplam dialetos brasileiro além da variedade padrão, bem como observar se as questões dos livros analisados disseminam o preconceito linguístico (a noção de “certo” e “errado”).

Observamos que essa análise será realizada sob a ótica da Sociolinguística, que em seus estudos sobre a heterogeneidade das línguas humanas determinou profundas mudanças na visão dos professores de diversos níveis de escolaridade.

## **2. Língua e sociedade**

### **2.1. A sociolinguística**

A sociolinguística é uma das subáreas da linguística, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Essa ciência tem como foco a heterogeneidade, caráter inerente de toda língua. A variação linguística constitui um fenômeno universal e pressupõe a existência de variantes. Mollica e Braga (2008) entendem por variantes “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente chamado de variável dependente”.

Uma variável caracteriza-se como dependente no sentido em que o emprego de suas variantes não é aleatório, mas influenciado por um grupo fatores de natureza social ou estrutural. Nesse sentido, cabe à sociolinguística a investigação do grau de estabilidade ou mutabilidade da língua, bem como prever seu comportamento regular e sistemático.

São comuns os casos de variação da língua portuguesa no Brasil. No sul, por exemplo, o pronome “tu” é o tratamento preferido na interação com o ouvinte. Essa forma, no entanto, ocorre em menor escala em outras regiões, evidenciando, assim, uma diferenciação geográfica. Nesse sentido, a sociolinguística tem como objeto de estudo, a variação, partindo do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores sociais e estruturais.

Dentre os interesses da sociolinguística: o contato entre as línguas, questões relativas ao surgimento e extinção linguística, o multilinguismo, a variação e a mudança – também a estigmatização e a mobilidade social são foco de estudo dessa disciplina.

Muitas das análises dos sociolinguistas têm como ponto-chave o preconceito linguístico. Isso porque ainda predominam nas práticas pedagógicas dicotomias “maniqueístas” como certo/errado, tomando como referência o padrão culto.

Segundo Mollica e Braga, toda língua apresenta variantes mais prestigiadas que outras, e cabe à sociolinguística oferecer contribuições no sentido de erradicar o preconceito linguístico e relativizar a noção de “erro”, ainda presente nas escolas básicas.

Para Marcos Bagno (2007), é comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio social como inferiores ou erradas. Para o autor, o preconceito linguístico disseminado na sociedade deve ser enfrentado na escola como parte do objetivo educacional no respeito à diferença.

Porém, para se alcançar esse objetivo, é preciso que se desfaça o mito de que existe uma única forma “correta” de falar, e que a escrita é o espelho da fala. Para Bagno, não tem sentido falar da variação como um “problema” e que precisa ser resolvido. Segundo ele,

O problema está em achar que a variação linguística é um problema e que precisa ser “solucionado”. O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (p. 37)

Assim, não podemos aceitar a afirmação de que existem variedades linguísticas consideradas “desvios” ou “distorções” de uma língua homogênea e estável. Na verdade, existe a construção de uma norma padrão, que é um produto cultural e artificial, criado para “neutralizar” os efeitos da variação, e servir de modelo para comportamentos linguísticos considerados “corretos”.

## **2.2. Os PCN**

A língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais que podem identificar as pessoas pela forma como falam, se pertence a uma ou outra região, seu grau de escolaridade, dentre outros. Porém, há muitos preconceitos de valor social atribuídos aos diferentes modos de falar: é muito comum considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Sabemos que o preconceito linguístico disseminado na sociedade deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença. Visando a esse objetivo, e obviamente ao ensino da língua portuguesa, a escola deve livrar-se do mito de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita. Também é preciso desmitificar a máxima de que a escrita é o espelho da fala, de que seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas crenças produziram uma prática cultural que desvalorizava a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse incapaz de utilizar “corretamente” a língua portuguesa.

Nesse sentido, os parâmetros curriculares nacionais de língua portuguesa, objetivando um ensino mais democrático da língua, esclarecem que:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido. (p. 21)

Sabemos que também não devemos negar aos alunos o direito de conhecer outras variedades diferentes daquela usada por ele, incluindo o estudo da norma culta. É papel da escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais.

Para que o aluno aproprie-se de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, é preciso que a escola os promova. Portanto, segundo os PCN, o ensino da variação linguística tem como objetivos:

- Utilizar diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade lingüística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- Conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado;

- Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz.

Nesse sentido, é preciso ensinar os alunos a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente. É necessário que as atividades de uso e reflexão sobre a linguagem oral estejam contextualizadas em projetos de estudo, sejam da área de língua portuguesa, ou das demais áreas do conhecimento.

### 3. *Obras analisadas*

Com intuito de investigar o tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português, analisamos quatro coleções de livros destinados ao ensino fundamental, totalizando 16 obras. Esse material que embasou nosso *corpus* de pesquisa foi escolhido aleatoriamente.

Os livros analisados fazem parte de várias coleções destinadas ao ensino fundamental, que compreende as séries de 5ª a 8ª, ou na terminologia atual, do 6º ao 9º ano. As coleções são expostas a seguir:

<b>Coleção</b>	<b>Série</b>	<b>Autores</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano</b>
<b>Diálogo</b>	6º ao 8º ano	Eliana Santos Beltrão e Tereza Gordilho	FTD	2009
<b>A arte da palavra</b>	6º ao 8º ano	Gabriela Rodella, Flávio Nigro e João Campos	AJS	2009
<b>Ponto de encontro</b>	6º ao 8º ano	Marco Antonio Hailer, Maria Izabel Massoni e Solange Aranha	FTD	2009
<b>Linguagens</b>	5ª a 8ª série	William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães	Atual	2006

### 4. *Análise*

Como dissemos, pretendemos, nesse trabalho, analisar alguns livros de apoio didático do ensino fundamental, verificando em cada um deles, a abordagem da variação linguística. Neste artigo, mostraremos somente alguns dos exemplos que retiramos dos livros estudados.

#### 4.1. Coleção Diálogo

O livro do 6º ano desta coleção traz, na página 122, uma breve reflexão acerca da variação linguística, através de uma tirinha de humor. A partir dessa leitura, são dados alguns exercícios sobre o estudo dos pronomes pessoais. Dessa atividade, duas questões abordam a temática ‘língua em variação’. Ainda remetendo a essa tirinha, os autores, após introduzirem as formas de tratamento dos pronomes, comentam acerca das situações informais de comunicação, embora somente como mero texto informativo.



Cedraz. Xaxado. Em jornal A Tarde. Salvador, 12/1/2004

Observamos que a tirinha, bem como a questão introduzida a seguir, chama a atenção do aluno para adequação da linguagem. A pergunta feita é: “[...] A linguagem empregada em sua fala está adequada? Ajuda na caracterização do personagem?”. Nesse questionamento, o uso do termo “adequada” em vez de “errada” ou “certa”, ajudam a entender a língua em suas diversas formas de uso, dispensando a visão de normatização.

A região, a condição sociocultural, o grau de escolaridade, a faixa etária... são aspectos que determinam a linguagem empregada pelos usuários da língua.

Não se pode dizer que há uma língua portuguesa certa ou errada, e sim que existem variedades de prestígio. Perceber as diferenças entre as variantes e o prestígio de uma sobre a outra, entendendo-as como formas válidas de expressão da língua, é um princípio de cidadania e de respeito à diversidade.

Nesse momento, o livro traz uma nota sobre a variação linguística, mostrando que não existe o conceito de “certo” ou “errado” na língua vernácula, conforme observamos na figura ao lado. Neste pequeno texto também é ressaltado alguns fatores que podem determinar a linguagem, como a condição sociocultural e a faixa etária.

Ainda neste volume, o livro retoma com um pouco mais de ênfase a questão da variação linguística. Nesse momento, os autores conceituam a expressão “variedades linguísticas”, mostrando alguns exemplos da variação geográfica. Na ocasião, são expostos alguns modos de falar de alguns estados brasileiros. Os autores ressaltam que as marcas regionais, sociais, geográficas e históricas constituem a identidade de determinadas comunidades, determinando assim, as diferenças.

É importante essa reflexão para os muitos dizeres brasileiros, valorizando, desse modo, as variedades linguísticas brasileiras. O pequeno quadro traz diferenças de cunho lexical, como nas expressões do Maranhão: *ser um alho* – é ser vivo, esperto; do Piauí, onde *ganhar chão* – é fugir; em São Paulo, *ficar na rabeira* – é ser o último colocado, dentre outros exemplos de outros estados brasileiros. Após essa breve reflexão, são propostas algumas questões de pesquisa e interação entre os alunos. A primeira atividade incentiva os alunos a observarem a variedade linguística de seu grupo de contato. A questão é reproduzida a seguir:

Agora veja nos falares de sua família, colegas, vizinhos etc. que expressões, palavras e dizeres mais comuns são empregados por eles para dizer a mesma coisa que o sentido das expressões dos exemplos lidos por você. Escreva-os numa folha à parte e leve para a classe no dia marcado pelo professor. (p. 140)



Antônio Cedraz. Xaxado. Em jornal A Tarde. Salvador, 16/7/2006.

Por fim, na página 216, após o estudo de um texto sobre futebol, os autores trazem para ilustração, uma tirinha de humor do “Xaxado”, a qual traz na escrita, as marcas da variação. Porém aqui, a tirinha serve apenas para embasar as questões relacionadas ao estudo do artigo, não retomando o estudo da língua em uso.

No livro do 7º ano, logo na página 14, os autores trazem um pequeno texto sobre a variação linguística, a partir do qual são feitas umas poucas perguntas relacionadas aos estilos formal e informal da língua.

### As várias “línguas portuguesas”

A língua varia no tempo, no espaço geográfico, no contexto social e de uma situação comunicativa para outra. Podemos dizer que há várias “línguas portuguesas”; na verdade, o português é a soma dessas variedades. Quanto à situação de comunicação, podemos agrupá-las em dois grandes blocos.

**Estilo formal** — emprega uma das normas urbanas de prestígio e busca guiar-se pela tradição gramatical. Está associado à linguagem que aparece nos livros, revistas, jornais escritos ou falados, assim como em palestras e apresentações em congressos, reuniões científicas etc.

**Estilo coloquial** — é o que usamos no dia a dia, nas conversas informais com amigos, em família, no bilhete ou carta para um colega. Descontraída, dispensa formalidades e pode empregar gírias, diminutivos afetivos etc.

Ainda mais a frente, página 106, é introduzido o texto “Um caipira na cidade”, apesar de sugerir a variação regional, é aproveitado somente para abordagem do advérbio.

### O caipira na cidade

Um dia um caipira resolveu ir à cidade grande para fazer umas comprinhas: estava precisando de sapatos.

Logo que chegou foi até um *shopping center*, entrou em uma loja de sapatos, chamou o vendedor e disse:

— Eu quero aquele “rider”.

O vendedor, então disse:

— Moço, não é “rider”, é “raider”.

Imediatamente o caipira responde:

— Tudo bem. Separa pra mim.

Mais adiante, ele vê um tênis e diz:

— Também quero aquele “nique”.

Novamente o vendedor faz a correção:

— Não é “nique”. É “naíke”.

Nesse momento, o caipira, bem gaiato, diz:

— Uai, só! Então não me chamo mais Chico.

Meu nome agora é Chaíke!



Photodisc/Getty Images

Globevision/Corbis

Fonte de pesquisa: <http://piadasonline.com.br/Mostrapiadas.asp?O-caipira-na-cidade>

Na página 204, após o texto “O primeiro beijo”, ao final das questões de interpretação, são citadas algumas palavras usadas há algum tempo atrás – a variação *diafásica*. Contudo, a tabela é exposta apenas a efeito de informação; não é sequer comentada.



Leia algumas gírias usadas pelos jovens de "ontem". É o maior barato, bicho!

<b>barra limpa</b> – fora de perigo	<b>grilado</b> – preocupado
<b>borocoxô</b> – tristinho	<b>broto</b> – mulher jovem e atraente
<b>cafona</b> – fora de moda	<b>bode</b> – confusão
<b>pão</b> – homem bonito	<b>bicho</b> – amigo

Fonte: [www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/gurias\\_antigas.php](http://www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/gurias_antigas.php)  
Site acessado em 13/2/2009.

Mais a frente, na página 271, no último módulo, no ensino do cativo, é inserida uma tirinha de humor da “Xaxado”, ilustrando a variedade rural. Aqui os autores aproveitam a tirinha para propor algumas poucas questões acerca de tal variação.



Cedraz. *Xaxado*. Em *A Tarde*, 30/10/2006.

A letra “b” da questão um, exposta após essa tirinha, tem o seguinte enunciado: “A linguagem de Xaxado e Zé é uma variedade linguística usada no meio rural. Na sua opinião, ela está adequada à situação de comunicação narrada na tirinha? Justifique”.

Nessa questão, os autores chamam a atenção do aluno para a variedade rural. Porém, a questão limita-se à adequação linguística. A questão deveria ser mais bem aproveitada, trazendo maior aprofundamento e reflexão acerca dessa variedade.

O livro do 8º ano desta edição, inicia a abordagem sobre a variação linguística na página 28 com uma tirinha do “Xaxado”. Após a tirinha, dentro da seção “Trabalhando a gramática” – verbos ser e estar –, além de abordar o conteúdo gramatical, os autores inserem algumas questões refletindo a variação, trazendo ainda uma pequena nota sobre a variação rural.



Cedraz — Xaxado, Jornal A Tarde, Salvador, 30/7/2004.

Daí em diante, o livro só volta a abordar mais a fundo a variação no final do módulo 5, na página 212. Nesse ponto os autores abordam a diferença entre as linguagens coloquial e formal e as situações de fala. Também são propostos alguns exercícios.

Por fim, no último módulo, na página 275, os autores trazem novamente uma tirinha de humor do “Xaxado” refletindo novamente sobre a variedade rural.



Cedraz, Xaxado, Jornal A Tarde, Salvador, 23/1/2004.

No livro do 9º ano do ensino fundamental regular, um dos poucos trechos que remetem à variação linguística é encontrado na página 282, quando os autores trazem um texto sobre Moçambique. Apesar de se referir diretamente a esse tema, cita a diversidade linguística daquele país. Porém, o referido texto não é retomado em forma de questões.

**Conhecendo Moçambique****Nome oficial:** República de Moçambique**Capital de Moçambique:** Maputo**Área:** 799.380 km<sup>2</sup>**População:** 21,8 milhões (2008)**Idiomas oficiais:** Português**Moeda:** Metical**Nacionalidade:** Moçambicana**Povo e cultura**

Moçambique possui uma rica tradição cultural de arte, cozinha, música e dança devido à diversidade da história e valores familiares e da coexistência de diferentes raças, grupos étnicos e religiosos. Ao contrário de muitos outros lugares no mundo, a diversidade cultural e religiosa raramente tem sido uma razão para conflitos em Moçambique. Com o objetivo de criar uma identidade nacional, a língua portuguesa foi adotada como língua oficial depois da independência. Na realidade existem em Moçambique cerca de 20 grupos linguísticos, entre os quais aqueles que são contrários ao idioma oficial adotado.



Foto: Corbis Stock Photo



Fontes de pesquisa: *Almanaque Abril 2009*.  
São Paulo: Editora Abril.

[www.geocities.com](http://www.geocities.com) (Site acessado em 18/3/2009.)

**4.2. Coleção A arte da palavra**

No livro do 6º ano desta coleção, logo no início do primeiro capítulo, são dadas algumas conceituações sobre a linguagem. Assim, a página 25 traz uma breve nota sobre a adequação linguística, como podemos observar na figura abaixo.

**Adequação linguística**

Nós nos comunicamos com diferentes intenções: para contar um fato que ocorreu, informar alguma novidade, convencer alguém de alguma coisa, opinar sobre uma situação, fazer confidências, contar piadas.

Para fazer isso, sempre levamos em consideração as diferentes situações de comunicação em que nos encontramos. Quer dizer, consideramos o lugar onde estamos, com quem estamos falando e qual o propósito da comunicação. Portanto, usamos uma competência que chamamos de **adequação linguística**.

Saber usar a **variedade linguística** mais apropriada a uma determinada situação de comunicação é saber se adequar a essa situação.

Por exemplo, podemos usar uma **variedade informal** da língua quando estamos entre amigos ou parentes, que nos conhecem há muito tempo. Mas geralmente buscamos usar uma **variedade formal** da língua quando falamos com autoridades ou pessoas que não conhecemos muito bem.

Quanto mais estudamos sobre a língua e sobre nossos modos de falar e escrever, maiores são as nossas possibilidades de nos comunicarmos em diferentes situações e de escolhermos a variedade mais adequada a cada situação.

Nessa seção *Língua e Uso*, os autores abordam o item “Comunicação e Linguagem”, passando pela linguagem verbal, não verbal, pela definição de linguagem. É inserido também o conceito de língua. A definição de “adequação linguística”, por sua vez, reflete sobre a importância de adequar-se às diversas situações sociais.

O capítulo 3, intitulado “Dicionários e enciclopédias”, traz na página 89, uma reflexão sobre “gírias”. Embora a título de informação, os autores reflitam brevemente, sobre a língua em uso, as situações informais de comunicação.

Logo após, o livro traz alguns verbetes e expressões acerca das variantes regionais, enfatizando a variação lexical. Nesse momento é exposto um quadro com expressões dos estados do Ceará (*butar boneco; fritar borboleta; gota serena etc.*) e de Porto Alegre (*engraxar os bigodes; flor de especial; limpa-trilho*). Após a exposição dos dicionários de “ceares” e de “porto-alegrês”, são expostas algumas questões. Nas letras “a” e “b”, pergunta-se ao aluno: *Por que os cearences usam “filê de bor-*

boleta” para caracterizar uma pessoa magra? e Por que comer churras-co seria o mesmo que “engraxar os bigodes”? (p. 92)

Na verdade, as expressões linguísticas nem sempre têm uma lógica. Assim, buscar “sentido” nas variedades regionais não contribui em nada para o entendimento da variação em si, mas podem sugerir alguma relação de sentido das expressões.

O livro do 7º ano, somente no capítulo 4, na página 116, quando os autores tratam do gênero teatral, existe uma nota da “língua em uso”, relacionando as variedades linguísticas e o teatro. Porém, nenhuma questão é proposta para refletir tal questão.

**Língua  
em Uso**

### As variedades linguísticas e o teatro

Os falantes de uma língua não a falam da mesma maneira. Há variações de uso que estão ligadas ao grupo sociocultural a que eles pertencem, outras que estão relacionadas à sua idade ou até ao lugar onde eles nasceram, cresceram e onde vivem. Por isso, dizemos que eles falam algumas variedades linguísticas.

Quando o uso da língua está ligado à região a que pertencem os falantes, temos as variedades regionais, nas quais se destaca, entre outros aspectos, o emprego de certo vocabulário, típico do lugar. Farol, semáforo, sinal e sinaleira, por exemplo, são palavras diferentes que nomeiam o mesmo objeto, usadas pelo Brasil afora, em diferentes regiões. Além disso, há ainda a melodia da fala, que também varia de região para região.

Outro tipo de variação no uso da língua está ligado à idade dos falantes. Chamamos essas diferenças de variedades etárias. Seus avós certamente usam palavras diferentes das que você usa no dia a dia, não é mesmo? As gírias, por exemplo, são típicas de uma faixa etária, ou seja, de um grupo que tem a mesma idade e fala do mesmo jeito.

Pois bem, em um texto teatral, a maneira de falar das personagens dá pistas de como elas são e de onde elas vêm. Por isso, muitos autores usam determinadas variedades linguísticas para criar a fala de certas personagens e, assim, caracterizá-las.


Na página 210, os autores apresentam dois textos em que se percebe muito fortemente palavras em variação – “O cio da terra” (Milton Nascimento e Chico Buarque) e “Asa Branca” (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira). Nas letras apresentadas, os alunos podem observar o emprego de palavras como *debulhar*, *bago*, *decepar*, *oiê*, *purquê*, *entonce*, *es-paiá*, *prantação*, *vortarei*, que sugerem o dialeto rural. Porém, apesar da riqueza desses textos, as questões posteriores não abordam a questão da variação da língua.

O livro do 8º ano desta coleção, os autores, como em todas as outras obras da coleção, dividem os capítulos por gêneros textuais. Contudo, nenhum dos capítulos apresentados expõe ou sugere a questão da variação linguística.

Esta obra do 9º ano apresenta um texto de José Luiz Fiorin, acerca dos estrangeirismos. O texto esclarece o caráter heterogêneo da língua e suas variedades, além da incorporação natural de palavras estrangeiras pela língua portuguesa. Logo após esse texto, algumas atividades de reflexão e compreensão sobre o tema.

### 4.3. Coleção Ponto de encontro

A variação linguística é introduzida, no livro do 6º ano, embora sem menção alguma ao fato, na última página da unidade 2, num poema de Ferreira Gullar. Tal obra faz algumas expressões de referência nordestina no poema “*João Boa-morte cabra marcado pra morrer*”. Mas como dissemos anteriormente, os autores do livro em momento algum citam, neste momento, a questão da variação.




**João Boa-Morte**  
**cabra marcado pra morrer**

**Verso**  
é cada uma das linhas  
constitutivas de um poema.  
**Estrofe** é um agrupamento  
de versos.

[...]

Essa guerra do Nordeste  
não mata quem é doutor.  
Não mata dono de engenho,  
só mata cabra da peste,  
só mata o trabalhador.  
O dono de engenho engorda,  
vira logo senador.

Não faz um ano que os homens  
que trabalham na fazenda  
do Coronel Benedito  
tiveram com ele atrito  
devido ao preço da venda.  
O preço do ano passado  
já era baixo e no entanto  
o coronel não quis dar  
o novo preço ajustado.



João e seus companheiros  
não gostaram da proeza:  
se o novo preço não dava  
para garantir a mesa,  
aceitar preço mais baixo  
já era muita fraqueza.  
“Não vamos voltar atrás.  
Precisamos de dinheiro.  
Se o coronel não der mais,  
vendemos nosso produto  
para outro fazendeiro.”

Com o coronel foram ter.  
Mas quando comunicaram  
que a outro iam vender  
o cereal que plantaram,  
o coronel respondeu:  
“Ainda está pra nascer  
um cabra pra fazer isso.  
Aquele que se atrever  
pode rezar, vai morrer,  
vai tomar chá de sumiço”.  
[...]

Ferreira Gullar. *Toda poesia (1950-1987)*.  
Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, pp. 109-110.

Na unidade 3, os autores do livro apresentam alguns textos de Fernando Sabino, no qual caracteriza o falar mineiro. Logo em seguida, o livro traz duas questões que induzem à reflexão da variação linguística, mas novamente os autores não aprofundam a discussão.

### Conversinha mineira

— É bom mesmo o cafezinho daqui, meu amigo?  
 — Sei dizer não senhor: não tomo café.  
 — Você é dono do café, não sabe dizer?  
 — Ninguém tem reclamado dele não senhor.  
 — Então me dá café com leite, pão e manteiga.



— Café com leite só se for sem leite.  
 — Não tem leite?  
 — Hoje, não senhor.  
 — Por que hoje não?  
 — Porque hoje o leiteiro não veio.  
 — Ontem ele veio?  
 — Ontem não.  
 — Quando é que ele vem?  
 — Tem dia certo não senhor. Às vezes vem, às vezes não vem. Só que no dia que devia vir em geral não vem. [...]

Fernando Sabino. *A mulher do vizinho*.  
 Rio de Janeiro: Record, 1988, p. 136.

Enfim, encerra-se o exemplar e, apesar de os autores trabalharem diversos famosos e grandes obras, não adentra em momento algum, na questão da variação da língua portuguesa.

O livro do 7º ano desta coleção, no capítulo 2, no estudo sobre blog, é apresentado um texto e logo após, a reflexão sobre as linguagens formal e informal.

**Ela ficou cabreira**

O fato é... preciso escrever, e não sei como começar...

Minha mãe ficou cabreira da vida comigo e não é por um motivo exato. É por uma porção de fatos, o que eu acho muito mais complexo de resolver. Pelo menos quando o motivo é único (por maior que ele seja) em uma discussão só, já resolve e pronto...

Talvez ela ache que eu não me esforço pra entender os motivos todos, mas no momento nada me parece suficiente. Talvez porque como o erro é meu ele para mim não se parece um erro (mesmo porque se parecesse eu não o cometeria)... eu tenho uma vaga ideia do porquê, mas ela é uma ideia nova e não muito nítida.

Hoje no almoço ela disse a seguinte frase “Se você realmente não enxerga o porquê de eu não falar com você, você tem um problema, um grande problema.”.

Teria sido mais adequado colocar a frase em *Caps Lock*, e algo me diz que, se no momento ela tivesse *lasers* nos olhos, eu não estaria aqui pra contar a história...

Não sei se aviso ela ou não... mas eu tenho um problema. Pior: Um GRANDE problema. E me sinto levemente burra por não entender as coisas. Odeio me sentir burra. Mesmo porque quase toda vez que minha mãe me disse alguma coisa, ou ela tinha razão, ou a opção dela também não teria dado errado. Ela nunca fala uma coisa totalmente sem razão... alguma razão sempre tem. E para uma filha de 15 anos isso é um tanto quanto duro de admitir.

Devia existir um elixir da pacificação de ambientes... podia vender em *spray*, aí por onde a gente passasse a gente ia espirrando... “Pacifex, trabalhando para a harmonia da sua vida!”

Qualquer solução, estou toda ouvidos.

A vida é complicada. Mas eu gosto dela...!

**Cap**  
(em p  
trava-maiú  
tecla do te  
computador qu  
caixa-alta do f  
com que tod  
do tipo letra,  
seu açiona  
exibidos e  
mai

A questão solicitada a partir do texto não trata diretamente de uma variedade linguística, mas de um estilo escrito, no caso, os estilos formal e informal. Essa reflexão é, com certeza, de grande importância na língua portuguesa, esclarecendo as diferentes modalidades de escrita, adequadas a cada situação linguística.

O manual do 8º ano da coleção “Ponto de encontro” apresenta sete capítulos e totaliza 240 páginas, os autores trazem o texto “Dora, irmã e noiva”, de *Capitães de Areia*, do consagrado Jorge Amado. Dentre as questões, os autores chamam a atenção sobre algumas expressões que aparecem no texto, bem como para a forma de tratamento “tu”, relacionando-a à variedade regional.



Dentre as questões propostas, a de número 5, letra “c”, após a ilustração de um fragmento do texto, diz: Nesse trecho há duas formas de expressão: a dos personagens e a do narrador. Qual delas revela uma linguagem próxima da linguagem oral?

— Como se vocês fosse tudo uns homem. É tudo uns menino.  
 Pedro Bala procurou o que responder:  
 — Mas a gente veste calça, não é saia...  
 — Eu também — e mostrava as calças.  
 De momento ele não encontrou nada que dizer. Olhou para ela pensativo, já não tinha vontade de rir.”

Essa questão, apesar de conveniente, também se restringe a abordar a adequação da língua. Obviamente, a fala das personagens está mais próxima da linguagem oral, por estarem entre amigos e até mesmo por apresentarem a mesma faixa etária, em uma situação não formal de comunicação.

Mais a frente, a questão 10 traz um caso mais típico de variação linguística. Observe:

- “— Tu tá gozada...”
- “— Tu endoidou...”
- “— Tu não tá vendo [...]?”
- “— Tu vai ver como eu vou ser igual a qualquer um...”
- “— Tu já viu uma mulher fazer o que um homem faz? Tu não aguenta um empurrão...”

Nessa questão, os autores mostram o uso do pronome “tu”, que muitas vezes demonstram um caso de variação regional. Porém, é dado pouco destaque a essa variedade.

O livro do 9º ano desta coleção expõe um texto de Antônio de Alcântara Machado, que apresentam algumas marcas linguísticas do linguajar italiano (*carcamano, cousa, bigodeira, parlo, nom, poi, ma*). Contudo, após o texto, vimos somente uma atividade acerca desse tema, observado adiante: *Converse com seus colegas e identifiquem onde aparecem traços do linguajar dos imigrantes italianos na narrativa*. Essa questão não aprofunda o debate sobre variação, mais propriamente, nesse caso, sobre contato linguístico entre o italiano e a língua portuguesa.

Na página 132, na unidade que trata do grande autor regionalista Guimarães Rosa, o livro traz um quadro de palavras inventadas pelo au-

tor, os neologismos. Mas o quadro é exposto somente como ilustração, não sendo trabalhado o tema nesse primeiro momento.



Guimarães Rosa toma posse na Academia Brasileira de Letras, 1967.

- **Ensimesmudo** — utilizado para designar um sujeito fechado e taciturno. Junção de **ensimesmado** (introvertido) e **mudo**.
- **Fluifim** — significa “pequenininho”, “gracioso”, e se compõe da junção de **fluir** e **fino**. O termo é exemplo da preocupação do escritor em fazer a sonoridade acompanhar o significado da palavra.
- **Imitaricar** — “fazer trejeitos imitativos”. Vem da junção do verbo **imitar** com o sufixo diminutivo **-icar**, que indica a repetição de pequenos atos.
- **Malejar** — significa “piorar”, “agravar”. Vem da junção de **mal** com o sufixo **-ejar**.

Fonte de pesquisa: Nilce Sant’Anna Martins.  
O léxico de Guimarães Rosa.  
São Paulo: Edusp, 2001.

Outra questão mais adiante trata do neologismo e comenta dos falares regionais. Essa questão explicita uma grande riqueza linguística, quando traz nas respostas, palavras como “*piticego*”, “*ir s’embora*”, “*Você mesmo quer ir?*” e “*ele junto te leva*”, variações de cunho fonológico, sintático e lexical.

#### 4.4. Coleção Português: Linguagens

O livro é dividido em quatro unidades, com três capítulos cada, e possui 240 páginas. Logo no primeiro capítulo, na página 19, há uma questão sobre a linguagem do conto exposto anteriormente. A questão nove tem o seguinte enunciado:

Observe a linguagem empregada no conto. Que tipo de linguagem predomina: a linguagem padrão, usada nos livros, jornais e revistas, ou a linguagem falada nas conversas cotidianas, em que às vezes são empregadas gírias, abreviações, perdas de sílabas?

Segundo Liv Chamma (2007), já há nesta questão uma confusão terminológica em relação ao termo “linguagem padrão”. A definição trazida pelos autores na página 26 diz que “Linguagem é uma processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si”. Segundo a autora, a linguagem, por ser uma faculdade cognitiva humana, não deve ser asso-

ciada ao termo “padrão”, pois a noção de padrão está associada à dinâmica social e cultural de uma comunidade. Além disso, não podemos afirmar que a “linguagem padrão” é usada nos livros, jornais e revistas, já que podemos facilmente perceber a linguagem informal nos meios de comunicação.

Na página 28, o livro, apesar de não trazer as diferenças entre o português falado nos vários países, traz uma nota de José Saramago sobre a irmandade dos países que a falam.

**Irmãos pela língua**

Os povos dos países de outros continentes que, como nós, falam a língua portuguesa são nossos irmãos. Temos com eles muitas afinidades culturais, pois o fato de ter uma língua comum nos leva a ler os mesmos livros, ouvir as mesmas canções, etc. Veja, por exemplo, o modo carinhoso como o escritor moçambicano Mia Couto se refere à língua portuguesa:

Venho brincar aqui no Português, a língua. Não aquela que outros embandeiraram. Mas a língua nossa, essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós, moçambicanos, ficarmos mais Moçambique. [...] A língua que eu quero é essa que perde função e se torna carícia.

(Site: [pintopc.home.cern.ch/pintopc/www/Africa/Couto\\_Mia/brincar\\_pt.htm](http://pintopc.home.cern.ch/pintopc/www/Africa/Couto_Mia/brincar_pt.htm))

José Saramago no filme *Língua – Vidas em português* (2001), documentário de Vítor Lopes que retrata e discute o uso cotidiano da língua portuguesa em diferentes partes do mundo: Brasil, Índia, África e Japão.

Na página 42, na seção “A língua em foco”, é apresentada uma tirinha do Chico Bento, reconhecendo a variedade rural. Na página seguinte, essa questão é detalhada. Nesta página também os autores inserem o conceito de variedades linguísticas e de língua padrão, dando amplo tratamento a essa questão.

**Falar bem é falar adequadamente**

Quando você vai a uma cerimônia de casamento, que tipo de roupa você costuma vestir? Uma roupa simples, dessas que usa no dia-a-dia, ou sua melhor roupa? E quando você vai à praia ou vai se divertir com um amigo ou uma amiga, veste o mesmo tipo de roupa que usa em um casamento? Claro que não. Existe uma roupa adequada a cada situação.

Falar uma língua é parecido com vestir-se: assim como existe uma roupa adequada para cada situação, existe também uma variedade linguística adequada para cada situação.

O gramático Evanildo Bechara ensina que é preciso ser "poliglota de nossa língua". **Poliglota** é a pessoa que fala várias línguas. No caso, ser poliglota do português significa ter domínio do maior número possível de variedades linguísticas e saber utilizá-las nas mais diferentes situações. Assim, quanto mais variedades conhecemos, mais estamos preparados para falar com pessoas de qualquer região do país, de qualquer nível social e em qualquer situação.

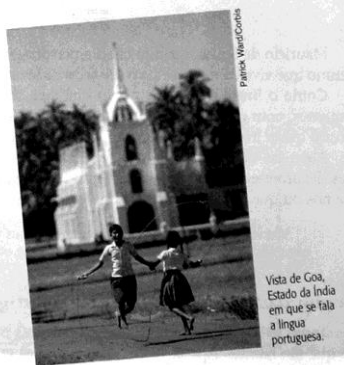
Quando entramos na escola, já dominamos algumas dessas variedades linguísticas. Porém, ali temos a oportunidade de aprender a língua padrão, a variedade linguística que mais tem prestígio na sociedade e que poucas pessoas dominam.

**Onde mora a língua portuguesa?**

A língua portuguesa vive em quatro continentes. Além de falada no Brasil (América do Sul) e em Portugal (Europa), está presente em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (na África) e em Goa e Timor Leste (Ásia).

Se, dentro do Brasil, notamos variações linguísticas de uma região para outra, imagine de um continente para outro!

Fonte: Marcelo Duarte. *O guia dos curiosos – língua portuguesa*. São Paulo: Panda, 2003. p. 58.



Vista de Goa, Estado da Índia em que se fala a língua portuguesa.

Na página 46, Cereja e Magalhães trazem um pequeno texto, visto a seguir:

**Sua língua e sua tribo**

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. Na tira abaixo, por exemplo, palavras como **maus**, **beleza**, **rolar** e **manhã** contribuem para caracterizar as personagens: adolescentes que se consideram "descoladas" e, por isso, incorporam a gíria em sua linguagem cotidiana.



(Angeli, Sangue Rom. São Paulo: Devir/Jacaranda, 2000. p. 8.)

Esse texto mostra o papel social da língua, ressaltando o poder da língua e o impacto que ela causa na sociedade. Logo após, uma atividade traz ainda um poema de Sérgio Caparelli:

<b>Drome, minininha!</b>		
Drome, minininha. Que logo vem o dia, Cachorro tá latindo No sonho da cotia.	Drome, minininha, Papai num tá aqui, Enfeita a noite preta Com zóio de rubi.	Fecha os zóio e drome, Minina, minininha, Que noite mais escura! Que noite mais daninha!
Fecha os zóio e drome, Minina, minininha, A noite assa bolo No forno da cozinha.	Drome, minininha, Mamãe foi trabaiá, Lavá a noite suja Com as água do luá.	Sossega, minininha, Sossega, tá na hora, Logo vão se abri Os zóio da Orora.

(111 poemas para crianças. Porto Alegre: L&PM, 2003. p. 49.)

O segundo exercício sobre esse poema pede-se que se responda “*Se é empregada no texto a linguagem padrão ou a linguagem não padrão*”. Esse questionamento é tido com simplista, pois obriga o aluno a escolher uma opção – a variedade padrão – que esconde a ideologia de uma linguagem errada. Os exercícios subsequentes continuam tratando o caso da variação. Porém, palavras como “desvios”, caracterizam um uso “errado” da língua, o que os sociolinguistas condenam.

Na página 53, os autores trazem as variedades linguísticas como fonte de diversão. Nesse caso, o que poderia ser considerado “diversão”, seria, no máximo, como este dicionário explora a pronúncia do falar mineiro. Outrossim, afirmar que “*as variedades linguísticas são uma boa fonte de diversão*”, é estimular o leitor a enxergar a diferença como “engraçado”, incentivando assim, o preconceito.

No livro da coleção *Linguagens* da 6ª série do ensino fundamental os autores não apresentam a questão da variação linguística; essa abordagem não é feita na obra aqui analisada.

O livro da 7ª série desta coleção os autores retomam a variação linguística na página 78, com uma crônica de Fernandes Sabino, intitulada “Na escuridão miserável”. Após a introdução desse texto, são dadas algumas questões, abordando as características da crônica. A questão quatro trata da linguagem empregada na crônica. Observe:

4. Observe a linguagem empregada na crônica em estudo.

a) Os fatos são narrados de forma pessoal, subjetiva, isto é, de acordo com a visão do cronista, ou são narrados de forma impessoal, objetiva, numa linguagem jornalística?

b) Em relação à linguagem, a crônica está mais próxima do noticiário geral de um jornal ou dos textos literários, como o conto, o mito, o poema?

c) Que tipo de variedade linguística é adotado na crônica: a variedade padrão formal ou a variedade padrão informal? Justifique sua resposta. (p. 81)

Essa questão proposta pelos autores procurou abordar a variação diamésica. Portanto, a letra “b” se refere ao conto como modelo de uso do padrão formal. Na verdade, alguns contos também utilizam um linguajar mais próximo do uso oral. Assim percebe-se certo prejuízo ao comparar essas duas formas.

Na página 88, os autores trazem uma pequena nota sobre ortoepia e prosódia. A definição trazida por eles são:

- *Ortoepia*: trata da pronúncia adequada dos fonemas na variedade padrão.
- *Prosódia*: trata da acentuação e da entonação adequada dos fonemas na variedade padrão. (p. 88)

Apesar da nota, nenhuma atividade foi proposta acerca do tema. Em relação à definição dos conceitos, o termo “variedade padrão” não é recomendado pelo grande estudioso Marcos Bagno, que defende que ninguém fala, efetivamente, o padrão, nem mesmo as pessoas mais escolarizadas em situação forma de interação verbal.

Por fim, no livro de Cereja e Magalhães da 8ª série, logo no primeiro capítulo da unidade um, é exposta uma reportagem, e em seguida, alguns exercícios que refletem algumas características desse gênero textual.

As reflexões sobre a variação linguística, como observamos na maioria das vezes, se restringe à variação diamésica, ou seja, a diferença entre a língua falada e escrita.

Na página 186, o estudo da concordância verbal acompanha uma nota relacionando ao preconceito linguístico.

### **A concordância verbal e o preconceito linguístico**

Você já sabe que, entre os vários tipos de preconceito, há também o linguístico.

Se, por exemplo, um falante deixa de empregar a preposição em uma construção como “O filme **a** que assisti é bom”, dificilmente será alvo de um julgamento negativo por parte dos interlocutores, mesmo que se trate de uma situação que pede o emprego da variedade padrão. Contudo, construções como “O culpado **foi** eu” ou “**Houveram** muitos problemas na firma” podem causar estranhamento entre os ouvintes e gerar preconceito em relação à capacidade discursiva do locutor.

Por essa razão, quando a situação exigir adequação à variedade padrão da língua e maior formalismo do discurso, convém que estejamos atentos à concordância verbal.

Observamos que os autores usam novamente a expressão “variedade padrão”. Como já dissemos, alguns autores condenam esse uso, pois compreende-se, de forma errônea, que exista um padrão a ser seguido. Bagno (2007) recomenda, nesse caso, a terminologia “variedade”, simplesmente.

Ao estudar a colocação pronominal, é apresentada uma breve nota acerca do princípio da eufonia – combinação de sons agradáveis ao ouvido –, relacionando-o à “variedade padrão”.

### **O princípio da eufonia**

Para colocarmos adequadamente os pronomes na frase, devemos antes de tudo estar atentos ao que soa bem. Esse procedimento ajuda bastante, mesmo na língua escrita. Por exemplo, numa conversa ou num texto escrito, dificilmente diríamos ou escreveríamos “Você nunca disse-me isso”. Soa melhor aos nossos ouvidos “Você nunca me disse isso”, o que coincide perfeitamente com as regras da variedade padrão da língua.

Na página seguinte, ainda abordando a questão da eufonia, outro quadro mostra as diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal. O livro não traz questões acerca desse assunto.

### As diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal

Apesar de a eufonia ser um critério importante para a colocação pronominal, há algumas diferenças entre o português do Brasil e o de Portugal que acarretam dificuldades para nós, brasileiros, principalmente quando escrevemos. Isso porque as regras da gramática normativa para a variedade padrão da língua ainda guardam fortes influências do português lusitano.

Observe, por exemplo, a posição do pronome pessoal oblíquo átono na tira abaixo, de Jim Davis, numa tradução portuguesa. Para o falante português é agradável ouvir ou ler “dêem-me um laço, um fato catita...”, enquanto para o falante brasileiro seria mais natural “me dêem um laço, um fato catita...”.

**catita:** legal, bonito, interessante.  
**fato:** terno, peça de vestuário.  
**laço:** gravata-borboleta.



(Jim Davis. *Garfield está de parabéns*. Portugal: Menberca/Liber, 1997, p. 53.)

Ao final do livro, ainda tratando da colocação pronominal, outra nota vem mostrar o uso da próclise, abordando que expressões gramaticalmente incorretas, como “Me empresta um dinheiro!”, aproxima-se da linguagem oral.

### Descontração na fala

A próclise no início de frases é uma construção característica da fala brasileira espontânea. Observe na tira o emprego do pronome oblíquo átono **me** no início da frase: “**Me** passa o sal!”.

Essa colocação é usada em textos que procuram reproduzir a linguagem oral ou expressar descontração. A ênclise soa mais formal e técnica.



(Adão Iturrugarai. *Folha de S. Paulo*, 7/5/2005.)



## 5. Conclusão

Observamos a partir deste estudo, que os autores, apesar apresentarem em suas obras diferentes metodologias no processo de aprendizagem, têm a preocupação de trazer para os livros didáticos, exemplos e conceitos da variação linguística, embora ainda não aborde a questão de modo plenamente satisfatório.

No que diz respeito às variedades linguísticas apresentadas nos livros, são bastante recorrentes as variedades rurais e/ou regionais e as variedades estilísticas. Observamos também que a transmissão de valores classificando o que “certo” ou “errado” na língua vem desaparecendo dos livros didáticos em geral, uma vez que os autores têm acompanhado as orientações dos parâmetros educacionais publicados pelo MEC.

A coleção *Diálogo*, de Beltrão e Gordilho (2009) – 6º ao 9º ano –, aborda a variação linguística em todos os exemplares apresentados, explorando com tirinhas de humor de um típico personagem dos quadrinhos: Xaxado, que representa o dialeto rural nordestino. Também são expostos exemplos de variação regional e estilística. Apesar de alguns pontos pouco explorados, esta coleção parece bastante adequada na orientação do tratamento da variação linguística. Vale ressaltar que dentre as coleções analisadas é a que se mostra mais completa na abordagem do tema.

A coleção *A arte da palavra*, dos autores Rodella, Nigro e Campos, publicada em 2009, trabalha amplamente, nos livros dos dois primeiros anos (6º e 7º ano), a variação linguística. Os autores inserem conceitos e exemplos de variação, trabalhando as variedades rurais, estilísticas e geográficas. Porém, esse tema não é abordado no livro do 8º ano, e pouco explorado no último livro da coleção.

Os autores Hailer, Massoni e Aranha trazem a coleção *Ponto de encontro*, no ano de 2009. A análise dessa obra mostra em todos os exemplares a presença de textos de alguma maneira ligados à variação linguística. Porém, observamos que os textos são, geralmente, de cunho ilustrativo, não sendo explorados em questões acerca do assunto. O tema da variação linguística é abordado de modo superficial e com textos de difícil compreensão para o público ao qual se destina.

Por fim, os autores Cereja e Magalhães (2006), na coleção *Linguagens*, abordam amplamente o caso da variação linguística no livro destinado à 5ª série do ensino fundamental. No entanto, em uma das

questões sugerem determinada variedade como “engraçada”, o que pode levar ao estímulo do preconceito linguístico. No livro da 6ª série os autores não abordam a questão. Nos livros dos últimos anos do ensino fundamental, são apresentados exemplos de variação linguística, mas devemos observar o termo “variedade padrão”, usado nesses exemplares. Autores críticos como Bagno, criticam o uso do termo “padrão” quando relacionadas com as variedades, dialetos ou línguas.

Apesar de ainda estamos longe de uma abordagem ideal no tratamento da variação linguística, notamos que muito se tem feito pelos autores de livros didáticos para mostrar ao aluno as muitas variedades existentes, por sinal, característica inerente a toda língua, e mostrar que seu dialeto é um uso correto, devendo por isso ser respeitado também dentro do ambiente escolar.

Ressaltamos por fim, que este breve estudo tratou de uma análise superficial do tema nas obras aqui expostas. A intenção deste trabalho não pretende, de modo algum, desvalorizar as obras dos autores aqui apresentados. A verdadeira intenção, aqui, é a crítica construtiva, objetivando sempre a melhoria do acesso da variação linguística aos alunos em fase de crescimento crítico-social.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BELTRÃO, Eliana L. S.; GORDILHO, Tereza Cristina S. *Diálogo: língua portuguesa, 6º ao 9º ano*. São Paulo: FTD, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília, 1997.
- CEREJA, William R. e MAGALHÃES, Thereza C. *Português: Língua-gens, 5ª a 8ª séries*. 4. ed. São Paulo: Atual, 2006.
- CHAMMA, Liv. *A variação linguística nos livros didáticos de português (5ª a 8ª séries)*. Dissertação de Mestrado, UnB. Brasília, 2007.
- COELHO, Paula M. C. Ribeiro. *O tratamento da variação no livro didático de português*. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília, 2007.

HAILER, Antônio Marco et alii. *Ponto de encontro: língua portuguesa, 6º ao 8º ano*. São Paulo: FTD, 2009.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella de et alii. *Português: a arte da palavra, 6º ao 9º ano*. São Paulo: AJS, 2009.